

ALGUMAS APROXIMAÇÕES: COMPREENDENDO O CONCEITO DE IDENTIDADE

Some approaches: understanding the concept of identity

Algunas aproximaciones: comprendiendo el concepto de identidad

Maria Gladis Sartori Proença*

Neide Araújo Castilho Teno**

RESUMO: Este artigo aborda a temática da identidade enquanto tema de investigação de teses e dissertações dos estudantes vinculados ao Grupo de Estudos Memórias de Formação: identidade e cultura - GEMFIC grupo este, ligado ao grupo Núcleo de Estudos Interdisciplinares -NEI do programa e da Linha de Pesquisa Educação e Prática Docente da Universidade Federal de Mato de Mato Grosso do Sul-PPGEdu.Trata de uma reflexão fundamentada em autores que considera identidade como um processo dinâmico que se constrói ao longo de uma vida, com destaque a identidade profissional.O estudo permitiu entender que o homem não está fora de seu contexto histórico, e não podemos negar que as diferentes formas de identidades sejam profissionais ou pessoais, não estão dissociadas da ordem social e da escolha da profissão.

Palavras-chave: identidade; identidade profissional; profissionalização docente; processo.

ABSTRACT: This article addresses the issue of identity as a research topic of students' theses and dissertations related to Study Group Memory Training: identity and culture-GEMFIC this group, linked to the group Center for Interdisciplinary Studies program and the NIS-Line Survey Education and Teacher Practice, Federal University of Mato Grosso do Sul-PPGEdu. Make a reflexion based on authors who considers identity as a dynamic process that is built over a lifetime, especially the identity professionally. This study allowed understanding that man is not out of their historical context, and we can not deny that different forms of identity or personal, are not separable from the social order and the choice of profession.

Keywords: identity, professional identity, teacher professionalization, process

RESUMEN: En este artículo se aborda la cuestión de la identidad como un tema de investigación de tesis de los estudiantes y disertaciones relacionadas con la formación de estudios Grupo de Memoria: la identidad y la cultura-GEMFIC este

* Professora do Curso de Matemática e Enfermagem da UEMS. Doutoranda do Programa de Educação PPGEdu da UFMS, Linha de Pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente.Contato: Rua Quintino Bocaiúva,n 1093,cep 79824 140, Dourados/MS; E-mail: m.gladis@uol.com.br.

** Professora do Curso de Letras e Pedagogia da UEMS. Doutoranda do Programa de Educação PPGEdu da UFMS, Linha de Pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente.Contato: Avenida Presidente Vargas n 810,apto 12,cep 79 804 030, Dourados/MS; E-mail: cteno@uol.com.br.

grupo, vinculado al grupo del Centro Interdisciplinario para el programa de estudios y la encuesta NIS-Line Educación y Práctica Docente de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul-Mato PPGEduc. Trata una reflexión basada en los autores que considera la identidad como un proceso dinámico que se construye durante toda la vida, especialmente la identidad profesional. Este estudio permitió comprender que el hombre no está fuera de su contexto histórico, y no podemos negar que las diferentes formas de identidad o personales, no pueden separarse del orden social y la elección de la profesión.

Palabras clave: identidad, identidad profesional, la profesionalización docente, proceso.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual está exigindo a melhoria da qualidade de ensino e, conseqüentemente os estudos têm recaído sobre os professores e a sua formação focalizando temas que envolvem a identidade pessoal e profissional desses docentes. Autores como Ciampa (1987,1990), Pimenta (1999), Erikson (1976), Hall (2001), Brzezinski (2002) entre outros, assinalam essa perspectiva como um referencial que apresenta alternativas para compreendermos alguns fenômenos, relacionados especialmente com a relação entre sujeito e objeto, profissionalização e na construção da identidade.

O campo da identidade é vasto e tem sido objeto de estudo da Psicologia Educacional e Social, da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia, dada a importância que esse tema apresenta para a compreensão dos sujeitos e do seu posicionamento no mundo e no espaço onde atuam como profissionais da educação. Para nos auxiliar nesse processo reflexivo sobre a identidade valemo-nos de alguns autores que tratam da identidade e da condição de ser professor como construção, como um fenômeno que se constitui para além do biológico, ou seja, pela natureza social e histórica que possibilita a hominização.

Trabalhar com o conceito de identidade não é tarefa fácil, devido à sua complexidade de conceitualização. Assim, num primeiro momento, o texto faz algumas considerações sobre o campo conceitual e, posteriormente, aborda os elementos constitutivos do ser professor, nos papéis que, historicamente, vem representando.

CONTEXTUALIZANDO O TEMA IDENTIDADE

Se formos refletir quem somos na essência e o que é a identidade dificilmente teremos tranquilidade e conhecimento para fornecer uma resposta completa, uma vez que são raras as definições que encontramos dependendo da abordagem escolhida. A concepção de identidade pode ser entendida, segundo o dicionário, como: “os caracteres próprios e exclusivos

de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo etc.” (AURÉLIO, 2001 p.371). No entanto, se ampliarmos o escopo da compreensão, encontraremos aspectos sociais, históricos e subjetivos do ser humano que acrescentam um qualitativo diferenciado conforme o grupo em que está inserido, o trabalho que exerce. Assim, a identidade da pessoa ultrapassa a simples carteira de identificação.

Gouveia (1993, p.100) busca nos fundamentos da psicanálise para o entendimento do conceito de identidade. Considera a identidade “como um processo em que se toma um outro como modelo implica necessariamente a formação do Ideal do Ego, e também do Superego, enquanto instâncias que internalizam normalizações e regulações culturais”.

Num primeiro momento a idéia subjacente se refere à imagem das características individuais, muito comum para evidenciar as propriedades exclusivas do ser, como fotografias, medidas corporais, físicas, estatura, cor de pele entre outros. No entanto outros elementos são considerados pela estudiosa como imprescindíveis na questão da construção da identidade como algo que relaciona o passado, o presente e se projeta no futuro.

A idéia dessa autora vem ao encontro do que trata Ciampa (1987), pois ele afirma que a representação que se faz da identidade é pouco para responder o que é a identidade, uma vez que deixa de lado os aspectos constitutivos de produção, bem como as implicações recíprocas desses dois aspectos. Torna necessário assim refletirmos sobre como o sujeito estabelece relações com o grupo, entre si e com o meio onde vive, conforme expressa:

Dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...] Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos-biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...] (CIAMPA, 1987,p.64-65).

Nesta perspectiva podemos considerar que a maneira como Ciampa conceitua a identidade não separa os aspectos biológicos dos sociais e culturais aos quais o sujeito está submetido. Ao nascermos adentramos ao mundo da cultura e dele nos apropriamos iniciando o processo da nossa identificação.

Neste sentido, Erikson (1976) chama a atenção para a identificação inicial gerada no encontro da mãe com seu bebê. Essa é a primeira interação e, a partir daí, inicia-se um processo de diferenciações e de identificações que vão se aumentando em círculos cada vez mais amplos à medida que a pessoa vai se inserindo em outros grupos que não o familiar. O autor entende esse processo como uma realidade gestáltica e não como a soma de todas as identificações já feitas.

Delgado (2006, p.71) concordando com Ciampa, Gouveia e Erikson amplia o conceito de identidade ao afirmar que ela envolve sentimento e condições de pertencimento ligadas as experiências de vida comum que envolve tanto a alteridade como a igualdade. Ou seja, para esse autor “ [...] as identidades são constituídas por um mecanismo contrastante de afirmação das diferenças e de reconhecimento das similitudes”.

Esse pertencimento está relacionado ao que os membros da família incute nas pessoas uma determinada representação de identidade, dada as características daquele grupo familiar, porque é sabido que além da natureza biológica, existe a natureza social e histórica do homem, que produz sua hominização. Assim numa relação dialética o sujeito busca fortalecimento no seu grupo familiar e profissional, nas suas crenças, agregando cultura e valores que vão além do biológico para traçar um perfil identitário seja pessoal ou profissional.

Lembra Ciampa (1990) que a identidade vai sendo construída ao longo da vida, pela história que vive e pelos papéis que o indivíduo vai exercendo, ele vai adquirindo várias identidades em constantes transformações. Esse movimento, Ciampa denomina de metamorfose para indicar não apenas as mudanças como as que estão por acontecer, o que se concretizam, em cada momento de uma forma específica, dadas as condições históricas e sociais determinadas.

A identidade é movimento e não deve ser vista apenas de modo científico e acadêmico, mas, sobretudo, como uma questão social e política. O nome não é a identidade, é uma representação dela. O autor destaca que, para estudar o homem, é preciso considerar três categorias: atividade, consciência, identidade.

Se há um fazer, uma atividade na qual emerge o poeta (personagem da sociedade), há o sujeito da ação que executa a obra, em geral a história. A língua, invenção anônima e coletiva, passa a ser, na obra, um discurso, uma invenção assinada que, ao ultrapassar o individual, espelha o espírito coletivo. Assim, diz o autor, “personagens vão se constituindo umas às outras, no mesmo tempo que constituem um universo de significados que as constitui” (CIAMPA, 1990, p.154).

Esse mesmo estudioso explica que identidade é histórica, quer dizer que não há personagens fora de uma história, assim como não há história humana sem personagens. É a estrutura social mais ampla que oferece os padrões de identidade.

Ao comparecermos diante de alguém, nós nos representamos, nos apresentamos como representantes de nós mesmos. Com isso, estabelece-se uma intrincada rede de aspectos que permeia todas as relações, em que cada identidade reflete outra identidade.

Em todas essas conceituações não podemos deixar de pensar na dimensão histórica da identidade, uma vez que a profissão do professor entendida de forma isolada, sem interação tem sido percebida como intento metafísico o que tem quebrado a continuidade e a unidade da formação docente.

Nesse ponto é mais prudente o trabalho com o conceito de identidade conforme assinala Pollak (1992 p.204) como um investimento ao longo do tempo, priorizando ações coletivas, com um “trabalho necessário para dar a cada membro do grupo o sentimento de unidade , de continuidade e de coerência”

Esse autor considera a participação em grupo como o eixo central para compreender a sociedade e a unidade entre os membros, considerando o participação e a unificação categorias que dão o caráter de pertencimento e de união. Portanto, a formação docente, nesta perspectiva sobrepõe as demais áreas, dada a sua maneira de desenvolver as ações voltadas para a coletividade, com vistas a um coletivo autônomo e em busca de saberes e valores próprios.

O modo de vida do individuo e o avanço tecnológico coloca a identidade em conflitos. Hall (2001) justifica esses contrapontos buscando na globalização, nas mediações (das imagens, das mídias, dos meios de comunicação) a razão para essa desarmonia e desalojamento da identidade.

Segundo ele as sociedades podem ser consideradas como era da “modernidade tardia” pois o que se vê é uma forte fragmentação e inexistência de um princípio básico diante do avanço da era moderna:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2001, p.75).

Assim denominada “modernidade tardia” porque são “[...] atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos.”(HALL, 2001, p.17), uma identidade permeada por desordens geradas pela modernidade considerada como avassaladora.

Neste panorama, podemos falar da mobilização do aparecimento de outras instancias (opção sexual, gênero, etnias, entre outras) que mobilizam a sociedade e provocam rupturas nas identidades que conseqüentemente passam a ser constituídas por meio de vários referenciais. Todo esse contexto faz pensar a idéia da imutabilidade da identidade, ou de uma identidade única atentando para uma ampliação no conceito e na construção de novas posições de sujeito, de identidades plurais.

IDENTIDADE PROFISSIONAL

Buscamos em Carrolo apud Estrela (1997, p. 51), a compreensão do que seja a construção da identidade profissional, quando explica que esta se dimensiona como um processo que se realiza na interação com o mundo e com outro, tendo em vista que “os indivíduos agem e interagem de formas pessoais em relação ao processo de socialização e este tem resultados também específicos na história de vida de cada um”.

Diante dessa afirmativa podemos depreender que a identidade profissional, não se limita apenas ao relacionamento e na maneira de agir no contexto da profissão mas também ter uma disposição que abarca o pessoal, o profissional, a interação com as situações da profissão enquanto sujeito do conhecimento, capaz de construir saberes que o levam a identificar-se.

No decorrer do movimento da história, o professor foi sofrendo um processo de desvalorização na sua singularidade e na universalidade. Sua profissão tem sido, por alguns, considerada como semiprofissão. Tal sentimento o tem desmotivado na busca de melhorar sua atuação. Libâneo (2005) vê a necessidade de se resgatar a profissionalidade do professor.

Mello (2004) afirma que o autoconhecimento não visa somente à restauração da identidade de ser professor, mas contribui para o reconhecimento de que os diversos universos deixam marcas pessoais ou traços identitários que constituem a historicidade do ser. Historicidade marcada pela incompletude, uma vez que o ser humano dificilmente chegará à totalidade de ser. Diante dessa consideração, a autora ressalta que:

Os que trabalham em educação [...] podem desenhar-se neste espaço, traçando o seu perfil enquanto professores e, como conhecimento estético de si, chegar a uma performance singular de universos entrelaçados que construíram a sua existência nesta situação de vida. (MELLO, 2004, p.107)

Nessa busca da recuperação da imagem e constituição da identidade docente, vários movimentos e pesquisas surgiram. Temos em Nóvoa (1995) um exemplo, quando mostra que os estudos da profissão docente têm sido marcados por uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional. Ele se posiciona contra essa idéia e afirma que a maneira como cada professor ensina está diretamente ligada àquilo que o professor pensa, sente, vive, ou seja, aquilo que ele é como pessoa. De acordo com Nóvoa, é impossível separar o eu professor do eu pessoa.

Em relação a separar o eu profissional do eu pessoal, recordamo-nos dos estudos de Bosi (1994), ao dizer que as nossas idéias não são originais. Elas foram inspiradas nas conversas que tivemos com os outros e, no decorrer do tempo, passam a ter uma história dentro da gente que nos acompanha por toda nossa vida, em tudo o que fazemos e acreditamos. Portanto, as concepções pessoais de cada professor estão imbricadas no seu eu profissional e, na maioria das vezes, influenciam nossa prática pedagógica em sala de aula, positiva ou negativamente.

Historicamente, os docentes vêm sendo impulsionados a adotarem as concepções de educação e prática pedagógica ditadas pelas acepções de diferentes grupos sociais dominantes da sociedade que, geralmente, ditam normas, currículos, modos de avaliação, sem a discussão dessas práticas pelos professores. De tempos em tempos são-lhes impostos vários tipos de personagens, ora tradicionais, escolanovistas, progressistas, rogerianos, construtivistas, e assim por diante. Assim, vão representando os seus papéis, muitas vezes sem serem consultados sobre a atividade que terão que desenvolver profissionalmente nas escolas.

Nessa questão, como diz Sacristán (1998), os professores não são convidados a estudar em profundidade os conhecimentos que são chamados a reproduzir, nem as estratégias pedagógicas e seu significado. Esta prática tem produzido no meio dos professores um mal-estar em enunciadas crises, por se verem negado como sujeitos que têm uma história de vida e de experiências, que sonham, pensam e têm projetos. Diante do fato, vão deixando de se reconhecerem no que fazem e vão se tornando seres que apenas executam ações, muitas vezes destituídas de significados para si mesmos e também para aqueles com quem se relacionam.

Kramer e Souza (1994) afirmam que alunos e professores têm sido ao longo da história impedidos de deixar marcas, ou seja, serem autores de sua própria história, como aprendizes e educadores. As autoras enfatizam a necessidade de trazer as vozes desses sujeitos, deixá-los falar, porque não é de qualquer fala que a escola necessita. A fala de que a escola necessita não é esvaziada de sentido, mas carregada de historicidade, de experiências. Daí a importância do resgate histórico da profissionalização docente.

De acordo com Libâneo (2005, p. 64), “na última década da educação brasileira veio ocorrendo um paradoxo. A sociedade foi se tornando cada vez mais pedagógica, enquanto a quantidade e a qualidade [...] foram diminuindo”. O amadorismo como é tratada a profissionalização docente tem desmotivado muitos professores.

Dentro dessa perspectiva muito recentemente a preocupação tem se voltado para os estudos que propõem a profissionalização do docente. A investigação sobre a escola, seu cotidiano, seus processos de gestão e seus atores tem chamado a atenção, nos últimos anos dos pesquisadores e estudiosos da educação. Tais estudos referem-se às situações reais em que ocorrem os processos e os desafios sociais e políticos no bojo dos quais se encontra a problemática do conhecimento, foco de preocupação da sociedade em razão da constatação da baixa qualidade do ensino e da aprendizagem.

Alerta Nóvoa (1997, p.34) que a identidade “não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto”, mas não deixa de ser um lugar de construção do modo de ser e de estar na profissão. Dito isso podemos pensar naquilo que esclarece Veiga (2008) de que a identidade se constrói de acordo com o sentido que o professor confere ao seu trabalho, buscando o que quer e o que pode fazer enquanto professor.

Das três dimensões apontadas por Nóvoa (1997), na construção da identidade: o desenvolvimento pessoal, o profissional, e o institucional, ficamos neste estudo com os profissionais, por este envolver com os aspectos da profissionalização docente centro deste estudo.

Mediante tal enfoque estamos fazendo a seguinte reflexão: Como a identidade do professor tem sido representada na sua profissionalização? O ser professor é suficiente para sua identificação?

Os ensinamentos de Pimenta apontam para essa mesma perspectiva quando esclarece que dada a natureza do trabalho docente, historicamente já observamos a questão da humanização por parte do professor ao desenvolvermos nos alunos habilidades de atitudes e valores, o que possibilita uma constante construção de “saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social nos coloca no cotidiano” (PIMENTA, 1999, p.18).

Intrinsecamente está contida nessa idéia a construção do conhecimento, por meio da reafirmação de valores, o que não deixa de exigir encontros, com diferentes grupos constituindo aos poucos a identidade do professor.

À medida que os desafios e as complexidades vão sendo colocados na profissão-docente outros significados vão sendo constituídos acerca da

identidade e o estatuto de legalidade é adquirido de acordo com os anseios e necessidades da sociedade.

Dependendo do momento histórico e do contexto algumas profissões desaparecem, outras novas surgem ou transformam com constitutivos diferentes para dar sustentação a um novo contexto histórico, que de acordo com Pimenta (1999) a profissão docente se insere neste contexto social. Portanto a identidade sob a ótica social vai se consubstanciar no processo, no seu modo de situar-se no mundo, por meio das relações com outros professores. Assim, a identidade profissional docente se constitui como uma interação entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais.

A afirmação de uma configuração profissional docente é posta por Nóvoa(1992) como alguma coisa que deve ser pensado na formação continuada, uma vez que é na nessa formação de professores que se assegurará a configuração da profissionalidade docente, instigando a nascimento de uma cultura profissional no meio dos professores e de uma cultura organizacional no interior das escolas.

Essa imagem construída pela pesquisadora, está em consenso com outros estudiosos da educação que busca a valorização do grupo e o estímulo ao aspecto crítico-reflexivo, auto formação participativa. Neste sentido, de valoração das ações no grupo, o estímulo a participação, as afinidades entre os pares podem tornar-se altamente positivas na medida em que havendo o domínio do poder ao autoritarismo, a exclusão, avançam os aspectos da experiência, do diálogos, da construção da identidade.

O desenho de uma profissionalização nessa linha de raciocínio foi discutida por Perrenoud (1991) que acredita que está na formação de professores o componente da mudança, e conseqüentemente o caminho para modificar a sociedade. Este estudioso estuda a profissionalização docente de maneira interessante e faz uma relação entre profissionalização e desenvolvimento de competências profissionais.

Segundo ele ter competências profissionais está na maneira de realizar a ação, é ser capaz de detectar os obstáculos, propor estratégias e implementar aquela que for mais coerente e apropriada para aquele momento histórico, respeitando os princípios legais, éticos durante o processo.

Competência é valorizar ações em grupo e contribuir com os outros profissionais, de forma que o desempenhado no coletivo possa ter significado e ensinamentos. Assim, a profissionalização, é vista como além de um simples especialista, ou detentor de saberes que se limita a práticas, pois “[...] sem essa capacidade de mobilização e de atualização dos saberes, não

há competência, mas apenas conhecimentos”(PERRENOUD, 2001, p.139-141).

O aspecto da identidade que problematizamos aqui está ligado à constituição de uma profissão, no caso a da profissionalização docente que de acordo com Perrenoud (2002), é considerada nos países anglo-saxões como um ofício e passa pelo não reconhecimento da profissão docente dada à vinculação excessiva dos professores aos programas e ao abusivo amparo do sistema colocando a questão da identidade no cerne da discussão da profissionalização docente.

Argumenta ele acerca da influência dessa visão anglo-saxã em relação à idéia de profissão. A identidade de um profissional da educação agencia a mobilização de inúmeros outros saberes além do conhecimento da matéria que se leciona. Fagundes et all apud Ribas (2005) reconhece o conhecimento como um dado fundante da identidade docente acrescida da ordem epistemológica. Concorda que o professor por excelência é o que lida com o conhecimento todavia a identidade do professor não se exaure na tarefa de ensinar.

A literatura aponta o saber docente como um processo de profissionalização. Os estudos de Tardif (2002, p.33) considera o saber docente aqueles provenientes de diferentes fontes (disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais), dando ênfase as experiências como os fundamentais da competência profissional.

É por meio da experiência individual e coletiva que se firmam os saberes práticos sob a formato de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Busca na prática cotidiana dos professores, como os congressos, as reuniões pedagógicas o berço dos saberes experienciais. Esses espaços constituem o lócus onde os professores partilham seus anseios, trocas, propiciando reconhecimento por outros membros dos diferentes grupos produtores de saberes.

Tanto para Perrenoud (2001) como para Tardif (2002) o processo de profissionalização docente oportuniza compartilhamento dos saberes da experiência, eleva o estado de competência, o professor ganha autonomia e reconhecimento do seu saber. O fato de o conhecimento ser produzido no processo da profissionalização é o propõe a possibilidade para a construção da identidade profissional além do aspecto linear.

A profissionalização vem sofrendo ao longo dos anos uma chamada crise identitária¹ com as mudanças que vêm ocorrendo na educação oriundas

¹ Para outras informações sobre crise identitária nos debruçamos em BRZEZINSKI, I. *Profissão Professor Identidade e Profissionalização docente*. Brasília: Plano, 2002. p.130 para entender que a “A crise da profissão docente como uma crise de identidade, de autonomia[...] tem a ver com a crescente tendência de enfraquecimento dos professores em todos os níveis da atividade docente deve motivar os movimentos combativos de docentes em prol da valorização da categoria.”

das aceleradas transformações exigindo um profissional com nova maneira de ser professor, competente para atuar como profissional com habilidades e competências diferentes daquelas até então adquiridas. Neste sentido, o professor estará revigorado para um outro saber ,outro perfil, o de desenvolver competências.

Tardif (2002, p.11) considera esses saberes como um o estilo, ou uma a identidade do professor, edificada “[...] com a sua experiência de vida e a sua história profissional e com as suas relações com os alunos e outros agentes da escola” . Tais considerações eleva a profissionalização como um quesito essencial no processo de construção da identidade, não apenas como um meio de formação docente , sobretudo como um mediador cultural, haja vista o conjugado de predicados que está intrinsecamente entendido na questão da competência.

Reiterando as considerações realizadas por Veiga (2008) e Pimenta & Anastasiou (2002) de que a identidade docente é uma atividade que desenvolve no tempo,podemos falar que desde a escolha da profissão, muito antes de entrar numa sala de aula elas refletem procedimentos, valores, atitudes profissionais que vão constituir os primeiros saberes docentes, podemos afirmar que a identidade do professor denota parte de uma profissão em freqüente revisão dos significados da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a temática da identidade é importante para refletir sobre a recolocação do sujeito no universo profissional em que escolheu atuar, permite um conhecimento de si, como sujeito histórico, social, político e aponta as perspectivas de sua identificação como único e múltiplo, pelas diferenças que o tempo faculta no processo contínuo de transformação pessoal e múltiplo porque ele é um e outro ao mesmo tempo.

O que foi escrito, neste texto, permitiu entender que o homem não está fora de seu contexto histórico, uma vez que ele próprio produz história. Não podemos negar que as diferentes formas de identidades não estão dissociadas da ordem social existente, pois esta fornece as condições para entendermos os mais variados conceitos de identidade.

Nesse processo de compreensão acerca de identidades o estudo possibilitou-nos compreender que as identidades vão sendo modeladas em diferentes contextos, sejam eles familiares, escolares, experienciais e vão sendo processados ao longo da vida sem desconsiderar as questões que envolvem a sociedade atual. Neste sentido, o professor estará revigorado para um outro saber, outro perfil, o de desenvolver competências.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRZEZINSKI, I. (orgs). *Profissão Professor Identidade e Profissionalização docente*. Brasília: Plano, 2002.

CARROLO, C. *Formação e identidade profissional dos professores*. In: ESTRELA, M. T. (Org.) *Viver e construir a profissão docente*. Lisboa: Porto, 1997.

CIAMPA, A. C. A. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CIAMPA, A. C. A. Identidade. In: LANE, S.T.M., CODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense. p. 58-75, 1994.

CIAMPA, A. C. A. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Interações*, São Paulo, v. 3, nº. 6, p. 87-101, jul./dez, 1998.

CIAMPA, A. C. A. *Identidade social e suas relações com a ideologia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, São Paulo, Faculdade de Psicologia, PUC-SP, 1997.

CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S.T.M; CODO; W. (orgs). *O homem em movimento*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. p 59 – 75, 1987.

DELGADO, L. de A. N. *Historia oral-memoria, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAGUNDES, J., RIBAS, M.H., Oliveira, e. Ap. da M., RIBAS, M.J.B. O professor em busca de sua identidade. In: RIBAS, M.H. (org). *Formação de professores: escolas, práticas, saberes*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GOUVEIA, T. M. V. *Repensando alguns conceitos – sujeitos, representação social e identidade coletiva*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

KRAMER S.; SOUZA S. J. *Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores*. Texto elaborado para ser apresentado na XVII Reunião Anual da Anped, maio de 1994.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELLO, L. S.. *Pesquisa interdisciplinar: um processo em construção*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004.

NÓVOA, A. (org.). *Os Professores e sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. 2. ed. Porto Portugal: Editora Porto, 1995.

PEREIRA, M. V. *A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor*. PUC São Paulo, 1996.

PERRENOUD, P. A ambigüidade dos saberes e da relação com o saber na profissão de professor. In: PERRENOUD, P. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, P. Le rôle d'une initiation à la recherche dans la formation de base des enseignants. In *IUFM: la place de la recherche dans la formation des enseignants*. Paris: INRP, 1991.

PERRENOUD, P. et al (Orgs.). *Formando Professores Profissionais (Quais Estratégias? Quais Competências?)*, 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PIMENTA, S. G. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no ensino superior*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5. n.10, p.200-212, 1992.

SACRISTÁN, G.; GOMEZ, A.T.Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Trad. Ernani F. da Fonseca. 4. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1998.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, I.P.A. (org.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas: Papirus, 2008.